



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE E DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

Me. Eritânia Silmara de Brittos (Autor 1);

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA. eritania17@hotmail.com;*

Dra. Giseli Monteiro Gagliotto (Coautor);

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. giseligagliotto@ig.com.br;

Resumo: Este artigo faz parte do resultado da nossa pesquisa de Mestrado em Educação, desenvolvida junto ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão/PR. Objetivamos conhecer como as professoras utilizam os Contos de Fadas nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) do nosso município. Apresentamos, alguns dados coletados com a pesquisa de campo que realizamos nos quinze (15) CMEIs do município. Nosso propósito, com esse trabalho, é apresentar um recorte de nossa pesquisa, de mestrado, que nos permitiu ampliar o olhar para a infância, por meio de um elemento fundamental para a prática pedagógica - junto às crianças pequenas: os contos de fadas. Destacamos alguns resultados da nossa pesquisa que apontam para a necessidade de formação em Educação Sexual Emancipatória para as professoras que atuam na Educação Infantil, nos CMEIs do Município de Francisco Beltrão-PR.

Palavras – chave: Educação Sexual, Educação Infantil, Contos de Fadas, Formação de Professores.

“Sempre que se conta um Conto de fadas, a noite vem. Não importa o lugar, não importa a hora, não importa a estação do ano, o fato de uma história estar sendo contada faz com que um céu estrelado e uma lua branca entrem sorrateiros pelo beiral e fiquem pairando acima da cabeça dos ouvintes.” – Clarissa Pinkola Estes!

Enquanto pedagogas, deparamo-nos com alguns limites e inquietações, presentes nas instituições de educação infantil, no que concerne a questões de formação em educação sexual. Após um mapeamento bibliográfico, seguido de leituras referentes as nossas categorias de análise, foi possível elencar alguns questionamentos, entre eles: Qual a educação sexual presente nos CMEIs? Até que ponto as professoras estão preparadas para trabalhar com a sexualidade infantil? Qual o papel dos contos de fadas nesse processo? Estas professoras conhecem/reconhecem a sexualidade nos contos de fadas? Foram questões e indagações como essas que nos levaram a repensar a formação inicial e continuada das professoras, que atuam nos CMEIs, em relação a educação sexual. Consideramos, com essa pesquisa, ampliar o olhar para o desenvolvimento psicosssexual das crianças pequenas, por meio de um elemento fundamental na infância: os contos de fadas.

¹ Escritora e psicanalista analítica americana.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para a realização da pesquisa de campo, partimos da coleta de dados junto às professoras dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) - de Francisco Beltrão. Realizamos, num primeiro momento, um contato telefônico com a direção dos CMEIs e agendamos um encontro para que pudéssemos, pessoalmente, apresentar a intenção da pesquisa. Nesses encontros, definimos os horários de realização das entrevistas com as professoras. No entanto, o número de entrevistados não foi definido *a priori*, somente a partir da realização das entrevistas foi possível estabelecer um percentual de participantes por CMEIs. De acordo com Duarte (2002) na pesquisa qualitativa o número de entrevistas, dificilmente, pode ser determinado antes de ir a campo, pois tudo depende da qualidade das informações adquiridas em cada depoimento. O recomendável é ir realizando as entrevistas até que se tenha obtido um material denso; sendo indicado um mínimo de vinte (20) entrevistados.

Para estruturação da pesquisa de campo, partimos da concepção de Triviños (2006) quando esclarece que a entrevista semiestruturada valoriza o pesquisador, ao mesmo tempo em que oferece ao entrevistado, no nosso caso as professoras, a liberdade e a espontaneidade que enriquece a investigação. As entrevistas foram realizadas individualmente, com cada uma das professoras que se disponibilizou a conversar conosco. Ao final desse processo, visitamos 15 CMEIs e, obtivemos 30 entrevistas. Destacamos que a pesquisa de campo possibilitou magnitude ao nosso trabalho, haja vista que o ir a campo, dar voz aos indivíduos, entender suas angústias, anseios e necessidades permitiu adentrarmos na problemática da importância dos contos de fadas para o desenvolvimento psicosssexual das crianças na Educação Infantil.

Para falarmos da sexualidade e dos contos de fadas na educação das crianças pequenas, iniciamos expondo a voz das professoras no que diz respeito à forma com que lidam com as questões da sexualidade, assim como suas atitudes frente às situações e manifestações sexuais que emergem no ambiente escolar. As professoras relataram que sempre procuram agir com naturalidade, mas, no entanto, sentem algumas dificuldades em lidar com essas questões resultantes, muitas vezes, das curiosidades infantis.

Vovozinha² conta que quando ocorre alguma situação “[...] a primeira coisa que nós fazemos é agir com **naturalidade**, [...] nós não deixamos passar despercebido. [...] a gente vê também a manipulação dos órgãos genitais na hora de dormir, [...] as meninas ficam manipulando o seio. [...], mas, sempre tratando tudo com a maior **naturalidade** possível,

² Vovozinha é o pseudônimo utilizado por uma das professoras, destacamos que todas as professoras entrevistadas utilizam pseudônimos relacionados aos personagens dos contos, ou a algo que elas se identificam. (83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para não afetar a criança; a gente sabe que isso pode gerar um desconforto maior para a criança, quem sabe até trauma ou possíveis consequências futuramente”.

Destacamos na fala da professora a palavra **“naturalidade”**, termo que esteve presente em muitas falas das entrevistas, porém, não há um aprofundamento da sexualidade como algo inerente à criança e isso pode acarretar consequências no desenvolvimento de sua personalidade, conforme apontam Nunes e Silva (2000).

Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real do seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque afinal, não existe uma separação entre sexualidade infantil e sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e conseqüentes (sic) (p. 52).

A curiosidade e a manipulação das crianças citadas pela professora remetem ao que Freud denomina de fase fálica, que ocorre entre três e cinco ou seis anos de idade. Nessa fase, é comum que a criança manipule os próprios órgãos genitais, pois reconhece essa região do corpo como zona geradora de prazer.

Na fase fálica, que incide ao mesmo passo do Complexo de Édipo, o órgão genital (pênis) já assumiu o papel principal. Como afirmou Freud, é nessa fase que a criança se dá conta que tem um pênis, ou que lhe falta um. Nesse momento, a criança começa a adquirir consciência das diferenças corporais. Freud (1926, livro 25, p. 130) aponta,

Outra característica da sexualidade infantil inicial é que o órgão sexual feminino propriamente dito ainda não desempenha nela qualquer papel: a criança ainda não o descobriu. A ênfase recai inteiramente no órgão masculino; todo o interesse da criança está dirigido para a questão de se ele se acha presente ou não.

Em tal fase, começa a surgir na criança o interesse em brincadeiras com o sexo oposto; os chamados jogos sexuais, na infância, levam a criança a descobrir que existe diferença entre os órgãos sexuais. É importante ressaltarmos que, nesse processo, os adultos – sejam eles, pais ou professores – têm papel fundamental para que a criança entenda essas diferenças sem traumas ou proibições, transitando por essa fase de maneira saudável. No entanto, muitas vezes, por desconhecimento a respeito da sexualidade da criança, pais, educadores e familiares, acabam reprimindo ao invés de orientar com tranquilidade e naturalidade as curiosidades da criança.

Comportamentos repressivos e violentos como punições e castigos, podem comprometer o desenvolvimento psicosssexual da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

criança. Como apontam Nunes e Silva (2000), “muitas atitudes repressivas e inadequadas são condenáveis frente à criança que descobre seu sexo, principalmente a ameaça de mutilação e castração” (p. 96).

Em sua fala, **Bela** deixa explícito sua compreensão acerca dessa fase do desenvolvimento infantil, ao relatar que “[...] *por trabalhar com os maiores, algumas coisas já vão aparecendo. [...] sempre busco tratar com **naturalidade**. Por exemplo, no banheiro, eles têm curiosidade para se conhecer, se tocar. E eu trato isso com **naturalidade**, sem malícia, pois eles estão se conhecendo*”.

Corroboramos com Nunes e Silva (2000) ao descreverem que

A melhor orientação sexual nesta fase é a de tratar com **naturalidade**³ estas expressões infantis, proporcionando às crianças as respostas às suas perguntas e trabalhando em sua formação social, afetiva e intelectual. Quando as crianças perguntam sobre a diferença entre os sexos deve-se responder com tranquilidade e de maneira compreensiva e acessível, falando sempre a verdade e evitando exemplos de diminuição, castigo ou doença (sic) (p. 97).

Destacamos a importância de dar abertura às crianças, bem como, estabelecer uma fala natural no que concerne as questões e curiosidades, da criança, acerca da sexualidade. Pois, ao ingressar na Educação Infantil, a criança já traz consigo muito de seu comportamento frente a sexualidade.

Silva (2010) em seu livro *Sexualidade começa na Infância*, assegura que

[...] o corpo todo é erótico! Com isso podemos dizer que a sexualidade, de imediato, está diretamente associada à genitalidade, mas, no entanto, ao refletirmos um pouco mais, constatamos que todo o corpo é erótico. Além disso, a vida e a nossa relação com ela, com a natureza, com o trabalho, pode estar repleta de prazer. Portanto, o prazer não está só na relação sexual, no ato sexual ou na masturbação (p. 52).

Ao refletirmos sobre o que a autora expõe acima, o corpo é considerado erótico uma vez que, ao nascermos, é por meio dele que sentimos o mundo. É através da proximidade física e mental, com os pais, que a criança cria uma sensação de segurança e amor. É no início da vida que adquirimos a imagem boa ou frustrante de pai e mãe. Essa é uma imagem que levaremos para toda a vida, a qual influenciará nossa capacidade amorosa e nossa sensação de bem-estar (SILVA, 2010).

³ Grifo nosso.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Portanto, o desenvolvimento afetivo-sexual da pessoa será resultado da combinação do componente biológico – índole inata do bebê – com o ambiente e o meio cultural – do qual os pais são parte fundamental (SILVA, 2010, p. 52).

A autora supracitada nos faz compreender que a construção da sexualidade infantil acontece por meio da junção de dois fatores: o biológico que diz respeito às características e peculiaridades que estão presentes no indivíduo desde o seu nascimento e, a influência do ambiente cultural, do qual fazem parte os pais, professores e as relações com o meio em que a criança vive. São esses elementos que constituem o desenvolvimento afetivo-sexual de cada ser humano.

Vemos na fala de **Maria** algumas dificuldades em lidar com essas questões na educação infantil. *“Na verdade, é bem complicado trabalhar com essa questão da sexualidade no CMEI, mas eles vão descobrindo. Por exemplo, eu que trabalho no berço, eles vão descobrindo [...] quando a gente troca, a gente conversa com a criança e com os maiores, eles mesmos vão se descobrindo que um é menino e outro é menina. Então, eles já vão percebendo as diferenças que têm entre eles”*.

A descoberta, a curiosidade em conhecer e tocar o corpo foram expressões muito utilizadas pelas professoras entrevistadas. Identificamos nas falas certo grau de preocupação por, muitas vezes, não saberem como lidar com essas questões. No entanto, elas asseguram que buscam tratar com naturalidade e conversar com as crianças para saber o que está acontecendo.

Silva (2010) ainda assegura que a auto exploração é uma experiência fundamental para um desenvolvimento saudável da sexualidade infantil. A criança sente prazer com o próprio corpo, por meio da brincadeira.

Muito cedo, às vezes antes de um ano de idade, ela aprende a brincar e a ter prazer com o próprio corpo. Há ocasiões em que o bebê se contrai, relaxa e contrai novamente o corpo, reagindo negativamente se interrompido pois está tendo prazer com a brincadeira (p. 53-54).

Corroboramos com Silva (2010) quando ela descreve que “é natural para a criança obter satisfação ao brincar com seu corpo e descobrir agradáveis sensações ao tocar os órgãos genitais” (p. 58). **Fada Madrinha** acrescenta, ainda que *“na pré-escola está acontecendo muito, [...] eles estão com a sexualidade bem aflorada; a gente está com um pouco de dificuldade. Acontece situações de eles estarem **manipulando** os órgãos genitais, tentando olhar o do amiguinho. [...] a gente busca abordar de*



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

uma maneira que não assuste a criança, sempre conversando e buscando explicar que certas coisas, a gente não pode fazer na sala, que tem lugares no nosso corpo que não podemos deixar ninguém mexer” (sic).

Desse modo, ressaltamos o que Silva (2010) esclarece sobre a masturbação ou a manipulação dos órgãos genitais: “[...] isso é gostoso, mas aqui não é lugar para isso. Ou isso é muito gostoso, mas devemos fazê-lo quando estamos sozinhos...” (p. 59). Essa é uma forma simples de reagirmos diante de comportamentos em que as crianças estão explorando o próprio corpo.

“Brincar com o próprio corpo é um meio de obter conhecimentos sobre si mesmo e de adquirir uma “sensação” de si próprio como pessoa separada da mãe” (SILVA, 2010, p. 59). Ao brincar, a criança aprende sobre si mesma e sobre o mundo a sua volta; brincar é o trabalho da criança. O ato de brincar, auxilia a criança a lidar com seus sentimentos e a resolver seus conflitos. **Rapunzel** destaca, em sua fala, que sente dificuldade em lidar com as questões da sexualidade infantil. No entanto, consegue perceber que existem manifestações dessa sexualidade na infância, seja através do toque no próprio corpo, ou mesmo, das curiosidades que as crianças manifestam. “[...] *A gente consegue observar que tem momentos que eles se tocam e que eles têm curiosidades, mas eu não sei como trabalhar e não me sinto segura de abordar esses temas em sala de aula. Eu considero que é um tema que seria importante se nós tivéssemos uma formação sobre isso, [...], mas a gente sempre busca lidar com **naturalidade** sem reprimir a criança”.*

Outro elemento que encontramos na voz das professoras remete ao fato de que existem diferentes manifestações da sexualidade e que variam de acordo com a idade em que a criança se encontra. Mas, não podemos confundir tal situação com inexistência de sexualidade nos bebês e nas crianças menores. O fato de a criança manifestar, no CMEI, a curiosidade sobre seu corpo, não quer dizer que até então ela não tivesse sexualidade. Precisamos criar consciência de que a sexualidade nos acompanha desde a nossa concepção até a morte. Ou seja, já nascemos com uma sexualidade que vai se construindo nas relações que estabelecemos com o nosso corpo e com as outras pessoas que fazem parte do nosso meio social.

A compreensão que tivemos, diante das professoras entrevistadas, é de que elas conseguem reconhecer a sexualidade infantil, somente depois que as crianças começam a manifestar algumas curiosidades, seja por meio de perguntas, pela manipulação do próprio corpo, ou ainda, pela curiosidade de conhecer o corpo do coleguinha. Para melhor ilustrarmos, o que estamos expondo aqui, destacamos a fala de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Cachinhos Dourado: *“esse ano eu estou trabalhando com os pequenos, então não tem tanto isso. Mas já trabalhei com os maiores e quando eles fazem perguntas eu procuro conversar para ver de onde surgiu a curiosidade, mas sempre tratando com **naturalidade**”.*

Na fala de **Cachinhos Dourado**, é possível identificamos que o conceito de sexualidade infantil está atrelado a um fator externo a criança. A expressão *“de onde surgiu a curiosidade”*, aponta para a dificuldade pessoal de entender a complexidade da sexualidade humana. No entanto, o conhecimento psicanalítico nos leva a compreender que a sexualidade é intrínseca ao ser humano. “De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é uma energia que influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental” (GUIA DO PROFESSOR, S/A, p. 05).

Com isso, ressaltamos que somente por meio de uma compreensão histórica e cultural da sexualidade humana - com suas bases fundamentadas na concepção científica do desenvolvimento psicosexual da criança, é que poderemos dissecar as manifestações da sexualidade infantil na escola. É através desse conhecimento científico e humanístico, da sexualidade, que as professoras encontrarão subsídios e conhecimentos para superação do senso comum (NUNES e SILVA, 2000). No entanto, destacamos que por mais que as manifestações da sexualidade infantil se apresentem através da manipulação dos órgãos genitais, a sexualidade em si – compreendida em suas mais diversas formas de expressão, se faz presente no ser humano desde a concepção.

Ancorada nas falas das professoras confirmamos o que já prevíamos de antemão às entrevistas: a necessidade de uma educação para a sexualidade nas instituições dos CMEIs. As entrevistas fizeram, antes de qualquer coisa, olhar para a necessidade de buscarmos instrumentos que promovam a preparação e a formação dos que irão desenvolver essa educação, ou seja, o professor. Almejamos uma educação sexual que envolva todos os aspectos da sexualidade humana. Acreditamos que, para isso, o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e, apesar das limitações, identificamos nas falas das professoras que existe essa consciência. É de fundamental importância que a sexualidade não seja encarada como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte intrínseca no processo de desenvolvimento psicosexual da criança.

Comprovando o acima exposto, **Graciosa** apresenta em sua fala que *“[...] no começo do ano a gente sempre trabalha com as questões de gênero, para que eles tentem se identificar como menino, como menina, quais são as diferenças, [...] quando acontece alguma questão mais específica que é de uma criança, eu tento conversar mais na individualidade. Quando é uma questão que surge*



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

durante a contação de uma história, ou em uma roda de conversa, eu tento explicar de uma maneira que eles entendam, numa linguagem mais fácil para eles, nunca trazendo mais do que eles precisam saber e com termos mais fáceis de entender, que eles possam compreender, sempre tratando com naturalidade”. A professora, ainda aponta que se depara com algumas questões no momento em que conta histórias às crianças.

Assim sendo, destacamos que as histórias são importantes instrumentos que podem auxiliar o professor a trabalhar com essas questões e com os porquês que surgem no cotidiano dos CMEIs. Silva (2010) defende que “as crianças precisam dos contos de fadas porque os contos expressam suas próprias ansiedades em torno da magia” (p. 65).

Bettelheim (2014) esclarece que

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significados e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança (p. 20).

O autor assegura, ainda, que “[...] os contos de fadas têm grande significado psicológico para crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independentemente da idade e do sexo do herói da história” (p. 27).

Entretanto, através da voz das professoras, identificamos que elas não se sentem preparadas para lidar com ambos os temas; contos de fadas e as manifestações da sexualidade na educação infantil. Porém, dentro das limitações, as professoras, buscam contornar essas manifestações e curiosidades que emergem no trabalho com as crianças na educação infantil.

Maria assegura que “[...] ninguém vem pronto para o CMEI, então o professor tem de buscar em livros, na Internet e em outras fontes, estar sempre se inovando para poder atender às crianças da melhor forma possível”. É importante que o professor tenha consciência de que as perguntas surgirão. Por mais que as questões da sexualidade não sejam trabalhadas por iniciativa do professor, seja por medo ou por não se sentir preparado para abordar tais assuntos, chegará o momento em que a criança questionará.

Silva (2010) apresenta um exemplo claro das curiosidades infantis. As crianças “[...] vão querer saber por que as meninas não têm pênis, se os meninos podem perder o deles ou por que só as meninas podem ter bebês” (p. 70). Essas perguntas são comuns nas crianças com idade entre quatro e cinco anos e devem ser respondidas de maneira simples e informativa, para que a criança consiga compreender e se sentir saciada com a resposta. Nesse

sentido as professoras destacam a importância de uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

formação em educação sexual, como aponta **Bela Adormecida** ao destacar que “[...] *teríamos de ter uma formação mais direcionada para as questões da sexualidade*”.

Nesse sentido, compartilhamos das ideias de Figueiró (2014) quando a autora descreve sobre a importância da Educação Sexual: “[...] apaixonar-se pela Educação Sexual é envolver-se e comprometer-se, também, com questões tais como: a formação continuada do professor, a profissão docente, a qualidade do ensino, o aprendizado do aluno e assim por diante” (p. 17). A autora assegura, ainda, que ao investir em formação continuada de educadores sexuais, não basta apenas ter os conhecimentos básicos, nem tampouco repassar técnicas de ensino. “É preciso despertar o educador existente dentro dele, para que o trabalho seja feito com comprometimento e paixão, além da competência técnica” (p. 18).

Segundo Gagliotto e Lembeck (2011):

[...] a educação sexual nos espaços educativos vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sexuais e sociais (p. 93-94).

As professoras entrevistadas, reconhecem que contar histórias para as crianças é importante e, principalmente, agradável. No entanto, não se sentem seguras para realizar um trabalho que articule os contos de fadas com as questões da sexualidade infantil. **Rapunzel**, destaca que “[...] *a gente teve algumas formações que falaram sobre os contos de fadas – a história de Chapeuzinho Vermelho, mas eu ainda não me sinto preparada para explorar mais as histórias nesse sentido da sexualidade infantil, eu acho que precisa de mais formação*”.

Bettelheim (2014) “Só nos tornamos um ser humano completo, que realizou todas as suas potencialidades, se além de sermos nós mesmos, somos ao mesmo tempo capazes e felizes de sermos nós mesmos com o outro” (BETTELHEIM, 2014, p. 383). Alcançar esse estado é sinal de estar envolvido no mais profundo da nossa personalidade. A mensagem que se encontra submersa nas histórias de fadas é que devemos abandonar as atitudes infantis e adquirir atitudes maduras para, assim, estabelecer um vínculo com o outro.

É nesse processo de se autoconhecer, de construir a própria personalidade, de ter consciência dos seus desejos e vontades, dos medos e angústias que seremos capazes de viver nossa identidade de forma plena e convicta, de que estamos agindo da melhor forma possível. “Os contos de fadas preparam a criança para fazer tudo isso de um modo que lhe permite obter uma compreensão pré-consciente de assuntos que a perturbariam muito se fossem impostos a sua atenção consciente” (BETTELHEIM,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

2014, p. 383). A linguagem simbólica dos contos de fadas permite à criança desconsiderar aquilo que ela não está preparada para responder no momento e a considerar apenas o que ela necessita no momento.

Bettelheim (2014), vai além; faz compreendermos a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da nossa sexualidade.

[...] os contos de fadas são um meio ideal para que a criança aprenda a respeito do sexo de maneira apropriada a sua idade e estágio de compreensão. Toda educação sexual que é mais ou menos direta, mesmo quando posta na linguagem da criança e em termos que ela possa compreender, não lhe deixa outra alternativa senão aceitá-la, mesmo que ela não esteja pronta para ela e que fique então enormemente perturbada ou confusa com ela. Ou então a criança pode se proteger para não ser esmagada pela informação que ainda não está pronta a dominar distorcendo ou reprimindo o que lhe dizem – com consequências extremamente prejudiciais no momento e para o futuro (p. 384).

As respostas das professoras, nos levaram ao questionamento sobre o que elas queriam dizer ao considerar o trabalho com os contos de fadas como algo mais simples. No entanto, por outro lado, evidenciamos que na articulação dos contos de fadas com as questões da sexualidade elas não se sentem preparadas para realizar tal trabalho. Ou seja, num primeiro momento, elas desconhecem a possível ligação entre os contos de fadas e as manifestações da sexualidade infantil. Mas nosso objetivo é defendermos um trabalho, que viabilize, ao professor usufruir dos contos de fadas para realizar um trabalho acerca a educação sexual; buscamos na psicanálise subsídios para essa formação.

De acordo com a psicanálise, nossas pulsões sexuais influenciam nossas ações e comportamentos desde o início da vida. No entanto, existe uma enorme diferença nas manifestações dessas pulsões na criança e no adulto. A psicanálise se utiliza das histórias para chegar ao inconsciente das crianças, agindo na construção de uma sexualidade adequada a sua idade. É o mesmo que acontece nas histórias onde sapos viram reis; o processo da metamorfose, no qual tudo acontece a seu tempo é essencial para o desenvolvimento de uma sexualidade plena e saudável. “O conto de fadas, sem nunca mencionar ou aludir a experiências sexuais como tais, está psicologicamente mais correto que boa parte de nossa educação sexual consciente” (BETTELHEIM, 2014, p. 398-399).

Nesse contexto, Figueiró (2014) afirma que todos somos educadores sexuais: pais, professores e demais profissionais. Enfim, todas as pessoas que estão em contato com as crianças passam, informalmente, mensagens implícitas ou explícitas sobre a sexualidade.

Dessa forma, contribuimos para que as crianças



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

construam suas ideias, seus valores e sentimentos em relação a sua própria sexualidade.

Todas as pessoas vão influenciando a criança, desde o nascimento, ao longo de toda sua vida, na formação de suas ideias e valores sobre o corpo, abraço, beijo, namoro, relação sexual, carinho, nudez, parto e assim por diante. De que forma podem exercer essa influência? Por meio de suas atitudes, falas, comentários, olhares, gestos, silêncios, enfim, de todo comportamento verbal e não verbal (FIGUEIRÓ 2013, p. 20).

A autora apresenta inúmeras formas com as quais podemos desenvolver nosso papel de educadores sexuais, dentro do ambiente onde trabalhamos. No entanto, as professoras entrevistadas, assim como todos os professores que atuam nos CMEIs, realizam dentro da sua rotina um trabalho de educação sexual, seja por meio do silêncio, da repressão ou por meio de iniciativas para educar sexualmente numa perspectiva emancipatória. **Fiona** ilustra esse despreparo frente às questões da sexualidade quando afirma em sua fala que “[...] *principalmente a sexualidade, a gente tem bastante tabu, pois nós viemos de uma cultura que não foi preparada para isso, que esse era um assunto que se tinha muita vergonha de falar. [...] eu acabo tendo dificuldades para colocar certos assuntos em uma linguagem mais acessível aos pequenos*”.

Bettelheim (2014) destaca que os contos de fadas têm papel importante no desenvolvimento psicológico da criança. “As experiências e reações mais importantes da criança pequena são, em sua maior parte, subconscientes e devem permanecer assim até que ela atinja uma idade e compreensão mais madura” (p. 28). Ao ouvir uma história a criança se identifica com os personagens. É por meio desse processo de identificação que ela começa a estabelecer relações com o meio em que está inserida; dessa forma os contos de fadas confrontam a criança com sua realidade de maneira fantasiosa. Nesse processo, cabe ao professor contar histórias, pois esse é um exercício que auxilia a criança no desenvolvimento da sua personalidade.

Então, defendemos, uma educação sexual que possibilite o desenvolvimento não só das crianças, mas também das professoras e pedagogas, para que todos possam viver sua sexualidade de forma mais responsável e prazerosa, despida de tabus e preconceitos. Neste contexto, a sexualidade humana deve ser encarada como um dos elementos que compõem nossa identidade pessoal, e compreendida como constituinte no nosso desenvolvimento psicosssexual - desde a mais tenra infância, ou melhor, desde nossa concepção.

A partir do momento, que formos conscientes de que a sexualidade é intrínseca a ao ser humano, seremos capazes de reconhecer sua



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

importância na nossa constituição. É preciso sair da zona de conforto, para reconhecemos que a melhor forma de alcançarmos essa consciência é por meio de políticas educacionais, que viabilize a construção de uma formação em Educação Sexual Emancipatória. Nesse processo, defendemos que os contos de fadas, são instrumentos que auxiliam o professor, de uma forma lúdica, a desenvolver um trabalho, contínuo e consciente, de educação sexual com as crianças pequenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCARI, Caroline. Guia do professor: **Educação sexual para crianças de 0 a dez anos**. Disponível em: www.edusex.com.br, acessado em 15 de junho de 2016.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março/2002.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. 2. Ed. Londrina: Eduel, 2014.

FREUD, Sigmund. (1926). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: **Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedades, a Questão da Análise Leiga e outros trabalhos**. Vol. XX. (1925-1926). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

NUNES, César Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual das crianças**. Campinas, Autores Associados, 2000. (Polêmicas do nosso tempo; 72).

SILVA, Maria Cecília Pereira da (Org.). **Sexualidade Começa na Infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. – 1. ed. – 14. reimp. – São Paulo: Atlas, 2006.